



Mesa Redonda: Desafios na Formação de uma Força de Trabalho Competente e Resiliente

Por Laura Feuerwerker

O Brasil não enfrenta a perda de médicos para outros países, no entanto, há uma ferrenha disputa entre o sistema público e sistema privado de saúde não somente pelo trabalho dos médicos, mas também na orientação de sua formação. Desde a segunda metade dos anos 90 vêm sendo desenvolvidas experiências, programas e políticas públicas no sentido de estimular a adoção de metodologias ativas de aprendizagem e a aprendizagem prática no âmbito do SUS, principalmente na atenção básica, desde o início da formação médica. No entanto, isso não tem sido suficiente para disputar com o setor privado a orientação da formação, que imprime forte viés mercadológico e orientação à especialização. As universidades são atravessadas pelas forças de mercado e pelas políticas públicas, havendo processos substantivos de reorganização da formação, sobretudo até o quarto ano da graduação. Mas o internato e a residência médica têm-se configurado como espaços de resistência à mudança, sob intensa influência de interesses corporativos. As intensas marcas da protocolização da formação médica e da maciça incorporação tecnológica no exercício profissional têm sido um obstáculo para que os médicos trabalhem com um conceito ampliado de saúde, orientado ao cuidado e integrados às equipes multiprofissionais que trabalham nos diferentes âmbitos do sistema único de saúde.